

# OS GRUPOS DOMÉSTICOS NAS COMUNIDADES DE OCUPAÇÃO ESPONTÂNEA NA AMÉRICA LATINA \*

*Xavier Francisco Totti \*\**

## INTRODUÇÃO

Estas idéias refletem o consenso crescente de que a economia informal da pequena produção não desaparecerá diante das presentes condições do desenvolvimento capitalista, sendo que deverá persistir junto aos setores capitalistas avançados. Nas cidades da América Latina, os grupos domésticos das classes pobres continuam a atuar, não somente como meras unidades de consumo, mas como significativas unidades de produção, tanto no setor informal como fora da economia de mercado.

Este trabalho examinará algumas das definições usadas para o conceito "economia do grupo doméstico" e sua confusão na literatura com outras formas não-mercantis de comportamento econômico, especificamente as redes de reciprocidade. As diferenças serão enfatizadas como estratégias econômicas, entre as redes de reciprocidade e a economia do grupo doméstico. Será uma tentativa de mostrar que o grupo doméstico atua, mais que simplesmente como um grupo de consumo ou uma estratégia para a sobrevivência, fundamentalmente como um veículo familiar para investimentos a longo prazo. Considerarei também esta estratégia em termos de sua importância para as ocupações urbanas espontâneas, sugerindo assim formas mediante as quais famílias pobres investem em capital doméstico. Mesmo que os argumentos apresentados estejam baseados em meu trabalho de campo em San Juan, Porto Rico, toda a evidência disponível mostra sua relevância para poder entender a economia do grupo doméstico em outras cidades latino-americanas. Finalmente, será considerado o papel desempenhado pela economia do grupo doméstico dentro do contexto mais amplo do desenvolvimento urbano capitalista.

## GRUPOS E REDES

Grande parcela da literatura referente a grupos domésticos urbanos na América Latina tem se caracterizado por focar seu processo de adaptação às

---

\* Traduzido do original em inglês por Gilda de Castro Rodrigues (DSA-UFPb).

\*\* Professor visitante do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, campus de Campina Grande.

idades, particularmente à pobreza urbana.<sup>1</sup> Aparecem como de primordial importância as dificuldades de emprego e moradia em ambientes altamente competitivos, onde a expansão capitalista tem sido acompanhada por um rápido crescimento populacional e uma migração maciça para as cidades. Vários estudos ressaltam a importância que os laços de parentesco têm neste processo de adaptação do indivíduo à cidade. Entretanto, o papel econômico exercido pelo grupo doméstico de prover segurança para seus membros, não tem surgido como tema de interesse.

Um dos problemas encontrados na literatura é o da confusão referente ao significado da expressão "economia do grupo doméstico". Deve (ou deveria) referir-se ao grupo como unidade significativa ou, simplesmente, se referir à atividade informal que serve de sinônimo para qualquer atividade de pequena escala com alguma importância econômica? Aceitando, aqui, que o conceito "economia do grupo doméstico" é propriamente usado ao referir-se a grupos domésticos, existem dúvidas sobre *quando* é apropriado concentrar-se no comportamento econômico individual do grupo ou da rede de relações e obrigações. Por exemplo: no estudo sobre urbanização do Terceiro Mundo, Roberts observou que "empresários no setor de pequena escala necessitavam reduzir seus custos e prover serviços altamente competitivos (...) o trabalho familiar é usado em toda sua extensão" (1978: 128). Roberts adverte para "não assumir rapidamente que o indivíduo, operando em atividades pouco lucrativas, é uma unidade econômica isolada", e conclui que "é importante examinar o grupo doméstico e não o indivíduo como uma unidade de empresa econômica". Entretanto, várias linhas depois, a clareza deste enfoque foi perdida quando, aparentemente, rejeita o grupo doméstico como unidade econômica:

"Nas empresas de pequena escala que eu observei na Guatemala e no Peru, o comprometimento de trabalho (*Labour Commitment*), que é considerado um componente vital do modo camponês, nunca foi uma consideração primordial do empresário. Este usava o trabalho da família e de amigos quando precisava, mas igualmente os despedia quando o negócio caía. Da mesma forma, não havia evidência de que o empresário desenvolvesse atividades simplesmente para ocupar os membros do grupo doméstico. É mais útil *focalizar a atenção na rede de trocas e obrigações* que se desenvolvem no setor de pequena escala." (1978: 128 — Os grifos são meus).

Roberts sustenta, assim, posições contraditórias sobre a importância que o grupo doméstico possui como unidade controladora de trabalho: 1) que é importante estudar o grupo doméstico, e não o indivíduo, como a unidade econômica; 2) que é importante estudar as redes de troca e obrigações, já que (implícito) o grupo doméstico não é uma unidade econômica.

---

(1) Ver, entre outros: Kemper (1974); Lewis (1959); Lomnitz (1974) e Safa (1973).

Ambigüidades similares são encontradas no trabalho de Lomnitz (1974) sobre as colônias proletárias na Cidade do México. Lomnitz, seguindo a distribuição de três variáveis semi-independentes (parentesco, proximidade residencial e funções domésticas) proposta por Bender (1967), discute a definição do grupo doméstico, observando que "cada sociedade pode ter combinações particulares das três variáveis; portanto, o conceito grupo doméstico adquire diferentes conotações e significados, dependendo do contexto social" (1974: 50). Para Lomnitz (como para Kemper, 1974), os grupos domésticos são considerados como grupos de parentesco que: a) possuem um ambiente físico limitado onde atividades são compartilhadas com diferentes graus permissíveis de reciprocidade doméstica; ou b) são definidos através de funções domésticas compartilhadas, ainda quando os indivíduos envolvidos residam em casas distintas.

As funções domésticas citadas por Bender aparentam envolver "mais atividades femininas que masculinas" (1967: 449). Lomnitz as cita como incluindo: "preparação e consumo de alimentos, cuidado de crianças, lazer, deveres rituais e uma ampla gama de atos de carinho e cooperação mútua" (1974: 50). O conceito de funções domésticas, como residência, passa a ser uma categoria relativamente flexível, se não imprecisa, de tal forma que o grupo doméstico possa ou não possa incluir o compartilhamento integral de gastos ou reunir salários dos homens (1974: 51)<sup>2</sup>. Passa a ser evidente que a definição utilizada por Lomnitz para o grupo doméstico reúne uma ampla gradação de compromissos econômicos. Com a residência, os salários e os gastos separados, seu modelo sugere que a existência de reciprocidade regular de funções domésticas não monetárias entre parentes é suficiente para classificá-los como um grupo doméstico. Utilizando conceitos de residência e funções domésticas pouco integradas, torna-se difícil distinguir entre os grupos domésticos e as redes de reciprocidade.

A diferença crucial entre a "economia do grupo doméstico" e a rede de reciprocidade se encontra nos limites. O grupo doméstico é concebido como unidade limitada, enquanto a rede, como unidade ilimitada. Lomnitz enfatiza que na rede de reciprocidade e obrigações, "a estrutura econômica básica da *cidade perdida*" é "não um grupo social ou instituição; mas é um campo social definido por intenso fluxo de troca recíproca entre vizinhos. A principal razão de uma rede de reciprocidade é prover um nível mínimo de segurança econômica aos seus membros" (1974: 110). Neste modelo de reciprocidade, diferentes polos de intensidade servem para definir um contínuo de estabilidade e autonomia. Num extremo, encontramos famílias extensas ou grupos domésticos que dividem to-

---

(2) Se as funções domésticas incluem compartilhar o cuidado das crianças mas não os salários masculinos, podemos duvidar sobre a integridade desta definição do grupo doméstico. Yanagisako (1979: 166) questiona corretamente o uso que Bender faz das funções domésticas para definir o grupo doméstico ("o que são as funções domésticas?") e a falta geral de precisão que domina as definições antropológicas do mundo doméstico.

dos os seus recursos; enquanto no extremo oposto estão as redes de vizinhança entre aqueles que se prestam favores. Assim, para Lomnitz, a "economia do grupo doméstico" não tem limites fixos, tendo apenas uma intensidade relativamente maior de intercâmbio não mercantil.

Toda esta recente ênfase em redes de reciprocidade e grupos de parentesco extensos<sup>3</sup>, na investigação sobre as classes pobres urbanas, tem levado o conceito de grupo doméstico a segundo plano e reduzido a importante distinção entre grupo doméstico e rede. Isto, talvez, reflita a insignificância ou debilidade do grupo doméstico como unidade econômica nas populações estudadas ou, melhor ainda, reflita uma falta de percepção para descobrir estratégias econômicas alternativas, usadas por camadas pobres urbanas para obter segurança. Não há dúvida de que as estratégias econômicas dos grupos domésticos e das redes de reciprocidade possam coexistir dentro da economia informal, porém, para a coleta de dados, é importante poder distinguir entre os dois conceitos. Para estudar os grupos domésticos urbanos latinoamericanos, precisamos saber qual é a função de sua economia e o que ela representa. É uma unidade limitada? Um agente de sua participação neste grupo? Ou, simplesmente, se perde entre o indivíduo e o sistema social? A confusão pode ser esclarecida uma vez, transcendendo a ênfase típica na distribuição de trabalho e bens não-duráveis e considerando, explicitamente, a economia do grupo doméstico como meio de investimento familiar e acumulação de capital.

Defino o grupo doméstico como um grupo de pessoas, geralmente unidas por laços de parentesco e afinidade, que compartilham uma atividade coletiva para a acumulação de bens duráveis. Estes bens incluem, primordialmente, a moradia — importante como meio de subsistência — e outros bens relativamente não líquidos (até as crianças), os quais são retidos e desfrutados fora da economia de mercado, mas que talvez possam ser usados para obter recursos no caso de extrema necessidade. O grupo doméstico desenvolve sua segurança econômica através de um agrupamento familiar exclusivo que, implicitamente (ou legalmente), define os direitos e deveres nos investimentos corporativos. Geralmente está baseado em laços afetivos, de parentesco e lealdade. Os membros não precisam residir, todos, debaixo do mesmo teto, embora dividir o mesmo teto não seja, por si só, suficiente para se tornar membro. Hóspedes, parentes distantes que visitem por temporadas e as empregadas domésticas, estão todos fora do grupo de investimento corporativo (ainda que durmam na mesma casa e comam da mesma comida). Sua falta de participação torna-se evidente durante o momento da divisão de herança ou quando se vende a casa. Contrastando, um parente distante, ou um membro não residente, continuará sendo membro ativo medi-

---

(3) Ver, para América Latina, Kemper (1974); Lomnitz (1974); Roberts (1973) e, para a América do Norte, Stack (1974).

ante o envio de mesadas para o fundo comunal. Também um indivíduo pode pertencer a mais de um grupo doméstico. A economia do grupo doméstico se refere, então, às atividades de um grupo de pessoas que não estão simplesmente compartilhando gastos e funções domésticas durante a reprodução diária, senão envolvidas em investimentos a longo prazo e na acumulação de pequeno capital dentro e fora da esfera da economia de mercado.

Mediante o uso desta definição, torna-se importante distinguir entre poupança e o compartilhar de gastos, entre investimento e consumo, entre acumulação e dispersão de salários. Dentro da literatura que trata das redes de reciprocidade, a excessiva ênfase nos fluxos de bens e serviços esconde a importância que tem o grupo doméstico na criação de investimentos corporativos mediante a retenção de certos tipos de salários (muitas vezes convertendo-se a formas relativamente pouco líquidas tais como moradia, móveis e artefatos domésticos). A rede externa de parentes, pelo contrário, não investe. Compete com o grupo doméstico pelos recursos monetários, estende e torna possível formas alternativas de troca em economias com poucos recursos. Mas existe tensão entre as duas estratégias. Os grupos domésticos têm que balancear suas oportunidades de curto e longo prazo. Se os recursos de um grupo doméstico são pequenos para conseguir segurança, ou, se todas as outras formas de investimento encontrarem-se bloqueadas, é melhor para esse grupo unir-se a uma rede. Em relação a dinheiro e bens, as redes de intercâmbio são de caráter centrífugo e, ainda que não acumulem capital, permitem que o indivíduo use uma série de recursos não monetários. Em alguns casos, o grupo doméstico como agente econômico não existirá, mesmo continuando os laços familiares de compromissos emocionais e os desejos de compartilhar.

Prestando mais atenção ao comportamento dos grupos domésticos como agentes para a acumulação de capital, obter-se-á uma visão mais equilibrada referente às lutas econômicas das classes pobres urbanas, vencendo assim os seguintes problemas associados com o enfoque nas redes de reciprocidade:

1. Não existe forma para determinar quando os discretos e estáveis grupos domésticos estão presentes e quando cedem frente às flexíveis redes de reciprocidade.

2. As estratégias específicas de acumulação de capital e poupança para os grupos domésticos não são indicadas, dissipando assim as tensões entre a acumulação do grupo doméstico e, também, da rede de reciprocidade.

3. A natureza dos limites de reciprocidade não é definida. O que o grupo doméstico retém da rede e o que o indivíduo retém do grupo doméstico?

4. O valor que tem a reciprocidade para prover segurança, pode estar supervalorizado. Maior segurança pode ser fornecida pelos diferentes recursos do grupo doméstico.

Dentro das economias informais, altamente competitivas, encontradas nas cidades latinoamericanas, existem condições que — muitas vezes — impossibilitam que os grupos domésticos atuem como pequenos agentes para a acumula-

ção de capital. Foi verificado que naqueles lugares onde não houve acumulação, ou perspectiva disso, os grupos domésticos se tornaram mais débeis, mais fluidos e tenderam a uma participação ambígua.<sup>4</sup> O oposto ocorrerá onde puderem acumular e herdar capital; aí os grupos domésticos serão exclusivos e estáveis.

Na seção seguinte, examinarei a economia do grupo doméstico entre as classes pobres urbanas que se encontram com poucas possibilidades de acumulação de capital. Especificamente, assinalarei a forma e o tipo de comportamento do grupo doméstico como agente econômico, como um grupo corporativo de investimentos nos arrabaldes urbanos.

## A ECONOMIA DO GRUPO DOMÉSTICO NAS OCUPAÇÕES ESPONTÂNEAS

As ocupações espontâneas latinoamericanas têm gerado grande interesse entre os cientistas sociais. Representam não somente um dramático esforço pela sobrevivência, como também mostram desejo de melhorar as condições de vida, dentro de sistemas capitalistas altamente competitivos, por parte dos moradores. Mediante a apropriação de propriedades privadas ou estatais, os "invasores" ilustram dramaticamente uma das formas mediante a qual grupos domésticos pobres adquirem alguns recursos.<sup>5</sup> Não se conhece a porcentagem total de habitantes que estas comunidades espontâneas abrigam. Estima-se — por exemplo — que as *colônias proletárias* na Cidade do México totalizem 50% da população (Eckstein, 1977: 54). Para a América Latina em geral, Lorante estima que as comunidades de ocupação espontânea (formadas por invasão ou ocupação clandestina e não mediante planejamento institucional) representam 30% ou mais da população total (1973: 41).

## INVESTIMENTO EM MORADIA

A experiência dos grupos domésticos em "Los Deportivos" (uma ocupação espontânea em San Juan, Porto Rico), ilustra algumas das características típicas dos movimentos de ocupação espontânea na América Latina.<sup>6</sup> Ocupado ao final da década de 40, ainda em 1975 os residentes não haviam recebido tí-

---

(4) Isto pode estar correto para a população estudada por Lomnitz. Por exemplo, ao contrário das comunidades de ocupação espontânea a serem discutidas, a comunidade estudada por Lomnitz não foi formada por invasão. Somente 7,4% eram donos de sua propriedade; a maioria pagava aluguel. Isto impossibilitava a poupança para o investimento em bens duráveis ou moradia. Vários estudos sugerem que o grupo doméstico é menos coeso quando as possibilidades para a acumulação doméstica estão impossibilitadas. Ver Hopgood (1979: 115); Roberts (1973: 152) e Safa (1973: 45).

(5) Ver Eckstein (1977); Flinn (1970); Leeds (1973); Mangin (1970) e Montañó (1976).

(6) "Los Deportivos" são um pseudônimo para a comunidade; é adjacente à estudada por Safa (1973). O presente estudo foi realizado em 1975.

tulos para as terras que ocupavam. Receberam, em contra-partida, uma série de garantias governamentais (discutíveis e discutidas) contra a expulsão. Como muitas outras ocupações, "Los Deportivos" foram fundados por grupos domésticos que, carecendo de outros canais de investimento, escolheram uma estratégia altamente arriscada. Fazendo uma espécie de auto-reforma da terra, ocuparam e dividiram em pequenas unidades uma parcela de terra não ocupada, no que então era a periferia da cidade. Defendendo-se contra tentativas de expulsão, estabeleceram uma série de direitos de posse e uso. Todavia, atualmente, esperam obter títulos legais para sua propriedade altamente valiosa.

Os motivos para a invasão espontânea foram aqueles típicos de movimentos similares em outras partes da América Latina: 1) a combinação de desemprego e problemas de moradia: 2) a incapacidade (ainda quando empregado) para acumular capital ou poupança, enquanto são mantidos os requisitos mínimos para a subsistência.<sup>7</sup> As famílias pobres que se estabeleceram em "Los Deportivos", sempre estando à beira da fome, fizeram-no para economizar as despesas com o aluguel. As mulheres tiveram papel predominante neste movimento. Viúvas e mães solteiras formavam 34% dos moradores originais.<sup>8</sup>

Ao contrário daqueles que têm que pagar aluguel, estes invasores se encontram bastante afastados da dependência total aos senhorios. Até certo ponto, mediante a construção de suas próprias casas, recriam um tipo de produção de subsistência dentro da cidade. Mais ainda, quando tentaram remover a especulação capitalista da moradia e do solo urbano, voltando a um tipo de subsistência, seu produto retornou, sem dúvida, à economia de mercado, adquirindo valores de mercado.

A racionalidade da invasão, como estratégia de investimento do grupo doméstico, nasce ao longo de um período de tempo. Uma vez resistindo aos esforços iniciais por parte das autoridades e de outros que se interessaram por suas casas, suas reivindicações sobre as terras ganharam aceitação. No México, por exemplo, essa aceitação foi acelerada depois de 1966, quando o governo mudou de uma política de confronto para a de regular os direitos de posse e propriedade (Cornelius, 1975: 203). Ao mesmo tempo em que estas comunidades lutam por estabelecer-se, os grupos domésticos continuamente tentam investir em melhorias das casas, aumentando o valor capital destas ocupações semi-legais. Em "Los Deportivos", casas que têm 25 anos foram construídas de pedaços de madeira, folha de flandres e papelão; receberam tantas melhorias e trabalho que, um ano depois da ocupação, eram vendidas por cerca de \$ 300 (quando os aluguéis estavam por muito menos do que a metade). Agora, seu valor deve se aproximar

---

(7) Ver Cornelius (1973); Leeds (1974) e Roberts (1973).

(8) Não foi possível obter informação similar em outros estudos. É evidente, entretanto, que, em áreas de baixa renda, o poder aquisitivo feminino é significativamente menor do que o masculino (Hopgood, 1979; Lomnitz, 1974).

de \$ 7.000 dólares. Com efeito, a escassez de moradia conveniente e barata nas áreas centrais da cidade e o contínuo crescimento da população urbana valorizaram enormemente estas propriedades sem título. Estudos em comunidades similares em cidades do México e Guatemala assinalam o mesmo processo (Bosen, 1976; Cornelius, 1975; Eckstein, 1977; Roberts, 1978). Esta valorização é tal que, segundo Eckstein, numa comunidade mesmo sem títulos oficiais, o valor da propriedade aumentou tanto que somente a classe média era capaz de comprar ali. Como foi assinalado por Leeds (1973: 187), as comunidades invasoras em geral

“constroem as casas de forma aditiva. Pequenos incrementos na poupança usados para comprar materiais de construção ou pagar por um trabalho especializado, são direta e cumulativamente convertidos em investimentos rentáveis: a casa, que também cresce em valor não apenas com melhoria em qualidade, mas também, numa economia inflacionária, com a taxa de inflação” (1973: 187).

Finalmente, a evidência disponível sugere (por razões a serem elaboradas em breve) que a invasão é uma estratégia primordialmente tentada por famílias ou grupos domésticos, por pessoas com crianças, que tratam de encontrar maneiras para reduzir gastos e se manterem unidos para benefício mútuo.

## OUTROS INVESTIMENTOS

Fora dos demorados investimentos na moradia, muitos gastos em bens de capital podem se esconder como atos de simples consumo, pelo menos para as camadas mais influentes que não têm familiaridade com a “ingenuidade” dos pobres. Vários dos chamados bens de consumo de luxo são de longe, na realidade, investimentos para a produção de subsistência, muitas vezes feitas depois de se estudar minuciosamente o mercado.<sup>9</sup> Isto é, utilidades domésticas, compradas para minimizar a dependência aos produtos de bens de mercado, podem ser usados para a pequena produção doméstica. Isto é certo, particularmente, para aqueles artigos que vão minimizar o trabalho da mulher em seu lar. Assim, a compra de refrigeradores, máquinas de costura, utensílios de cozinha, máquinas para lavar roupa, liquidificadores e máquinas de escrever servem não apenas para maior lazer, mas também para permitir que a capacidade ociosa do grupo doméstico possa ser empregada em atividades comerciais. Uma geladeira especialmente grande, que custou cerca de \$800 dólares, foi investimento muito valioso para um grupo doméstico onde a mulher e os filhos comercializavam produtos de laticínios. Para outro, a geladeira usada que foi adquirida melhorou significativamente as vendas de refrigerantes e produtos congelados na barraquinha. Com treinamento, as máquinas de costura obviamente servem tanto para ge-

---

(9) Vários pesquisadores recorrem a dados sobre artigos de consumo como índices de nível de vida (ex. Kemper, 1974). Existe uma falha generalizada em não avaliar os artigos domésticos em termos de seus valores de produção e investimento.

rar recursos como para coser a roupa para a família. Utensílios para cozinha, liquidificadores e máquinas de lavar roupa ou a instalação de encanamentos, tornam possível alcançar economias de escala, ou a especialização de serviços (como venda de comida preparada e lavagem de roupas). Uma máquina de escrever permitiu que um homem ganhasse algum dinheiro preparando documentos para os vizinhos. Até possuir televisor pode gerar recursos, além de servir como fonte de lazer; tem sido observado como grupos de vizinhos e crianças pagam algo para assistir à televisão em casa daqueles que possuem o aparelho. Além disso, sempre terminam comprando doces e refrigerantes na casa/teatro que freqüentam.<sup>10</sup>

Em economias onde todos os artigos usados são reciclados, quase todo bem de consumo retém parte de seu valor. Os móveis, dificilmente bens produtivos, são bons investimentos que retêm alto valor de revenda caso o grupo doméstico necessite de dinheiro.<sup>11</sup> Por exemplo, o grupo doméstico de Carla, viúva há vários anos de um longo casamento com um homem responsável e trabalhador, inclui agora quatro netos dependentes. Eles se mantêm mediante os poucos vencimentos que uma filha recebe trabalhando como zeladora de edifícios. O salário desta filha apenas cobre os gastos básicos da casa. Este grupo doméstico tem sobrevivido por cinco anos suplementando as contribuições da filha com a venda ocasional de móveis. Embora várias peças já tenham sido vendidas, o grupo doméstico possui ainda alguns móveis, uma máquina de costura e outros bens que lhe permitem sobreviver precariamente por algum tempo. É difícil estimar o valor real destes bens materiais, mas representam claramente muito mais que simples bens de consumo ou que índices de nível de vida: são uma forma de investimento e poupança.

A educação também é outra forma de investimento doméstico. Muitos pais em "Los Deportivos" fazem imensos sacrifícios para que os filhos freqüentem a escola. Até agora, a universidade continua a ser um sonho para a maioria, pois somente alguns têm alcançado tal nível. Muitos, entretanto, consideram os filhos como uma estratégia arriscada de investimento. Rosa, por exemplo, estava angustiada, pois nenhuma de suas filhas que tinham terminado curso superior queria ajudá-la em seu empreendimento doméstico (venda de comida preparada). Como solução, a longo prazo, adotou uma órfã de dois anos, pagando por ela inclusive vários meses de hospitalização. Rosa explica que talvez esta "filha" venha a ajudá-la em seu negócio. Esta mãe/empresária tinha sérias dúvidas a respeito da obtenção de empregos "bons" por parte de suas filhas.

---

(10) Ver Hopgood (1979: 83) e Mangin (1970: 52).

(11) Nas comunidades pobres da Cidade do México, Montaño (1976: 152) também observou como os móveis passavam a ser um bom investimento, particularmente quando o investimento em moradia era perigoso.

## QUEM CUIDA DA CASA?

Invadir e ocupar terras não é um esforço a curto prazo; sua duração é longa e requer muito trabalho. Em geral, aquele pessoa que permanece cuidando da casa e da propriedade tem tido ignorado seu importante papel. Sua missão principal — a de vigiar e defender a invasão do grupo doméstico — ocorre em dois níveis: 1) a nível de comunidade (onde as mulheres superam numericamente os homens), nos comitês de defesa que lutam contra a expulsão<sup>12</sup>; 2) a nível da interação diária, o estar ali presente. As mulheres de "Los Deportivos" mantêm a idéia de que sua presença constante (70% dos homens trabalham fora da comunidade, contra apenas 40% das mulheres) serve como um dos maiores obstáculos ao roubo domiciliar e, mais importante ainda, à usurpação ou ocupação da casa por outros.<sup>13</sup> Se uma mulher tem que sair ocasionalmente de casa, o risco é pequeno (outros cuidarão da casa). Se sai regularmente, sempre será necessário que alguém cuide de sua casa. Por causa deste tipo de vigilância, construíram cercas e criaram cachorros.

A importância daqueles que cuidam do patrimônio doméstico nos "Los Deportivos" passa a ser uma das razões pelas quais a composição ideal para um grupo doméstico inclui a associação de vários adultos com padrões de trabalho complementares, onde alguns trabalham por dinheiro fora do grupo enquanto outros cuidam da casa (e das crianças) usando-a como base para pequena produção e atividade comercial. Isto significa — tomando em conta as altas taxas de desemprego e de auto-emprego — que enquanto um membro sai para trabalhar, outro geralmente está disponível para cuidar da casa e manter os bens. Uma vez construída a casa, o rendimento monetário masculino (consistentemente maior do que o feminino) e a maior facilidade dos homens para obter material de construção, são quase essenciais para a acumulação de capital dentro do grupo doméstico. Os rendimentos monetários femininos, geralmente baixos, somente permitem (caso falte o homem) um nível de subsistência. Consistente com informações de outras favelas e ocupações espontâneas, as mães solteiras têm os níveis de vida mais baixos, a menor quantidade de bens materiais, carecem de ajuda e basicamente não dispõem de nenhuma possibilidade de acumulação de capital (Lomnitz, 1974; Hopgood, 1979). Similarmente, fato que é geralmente ignorado, a única forma para que os homens possam acumular capital é medi-

---

(12) Montaño (1976: 121) explicitamente enfatiza o papel desempenhado pelas mulheres, nas comunidades de ocupação espontânea, em manter contatos com funcionários públicos e para a mobilização dos habitantes. Ver também Lomnitz (1974) e Roberts (1973).

(13) Eckstein (1977: 57) descreve algumas das inseguranças, pós-invasão, numa *colônia proletária* mexicana: "Alguns invasores foram roubados e removidos à força. Outros tiveram parte de suas moradias rudimentares confiscadas ... Os invasores lutaram entre si pelos direitos de posse".

ante seu ingresso num grupo doméstico.

Resumindo, a capacidade para que os grupos domésticos de "Los Deportivos" invistam, é limitada. A casa própria é relativamente segura, porém o emprego não é. As pessoas necessitam-se mutuamente para poder conseguir segurança: o grupo doméstico passa a ser uma das formas com que isto é conseguido. Deve-se acrescentar que o lento processo de investimentos em bens materiais é uma das poucas opções disponíveis a estas populações, já que os bancos e outras agências financeiras não se prestam a trabalhar com pequenas quantidades, tendendo ao desinteresse. Por exemplo, Eckstein notou que no México:

"As instituições econômicas privadas discriminam os pobres urbanos. Bancos de hipoteca, poupança e de empréstimos raramente financiam melhorias para alojamentos de baixo custo (...) Por outro lado, os bancos geralmente, apenas emprestam dinheiro aos cidadãos que ganham mais de \$60,000 (pesos) por mês, o que é conseguido apenas por um terço da população da *colônia proletária*" (Eckstein, 1977: 62).

Esta falta de acesso a instituições financeiras significa que para as classes pobres urbanas, deverá ser o grupo doméstico que irá regular a acumulação e investimentos em poupança.

## A TENSÃO ENTRE AS REDES DE RECIPROCIDADE E A ECONOMIA DOMÉSTICA

Ao enfatizar os esforços de grupos domésticos em comunidades de ocupação espontânea para investir trabalho e acumular capital, não se quer insinuar que as redes de reciprocidade (do tipo descrito por Lomnitz) sejam insignificantes. As redes não somente são estratégias de sobrevivência, mas também estratégias que ajudam os indivíduos a encontrarem trabalhos melhores e moradia, acumulando assim seu próprio capital. Esta ajuda, no estabelecimento de outros grupos domésticos com base mais segura, significa que estes se converteram em pontos de contato mais seguros dentro das próprias redes de reciprocidade. Entretanto, uma vez estabelecidos, verifica-se uma tendência para que os grupos domésticos se separem das redes de reciprocidade, protegendo assim seus interesses e recursos. Os grupos domésticos preferem não prestar serviços e favores que empreguem recursos líquidos, que são escassos, e sim prestar e receber aqueles que empreguem mão-de-obra ociosa. O código que governa a reciprocidade — segundo vários autores — indica a existência de um ritual para evitar conflitos que afetem as estratégias de investimento destes grupos e as daqueles que necessitem de ajuda.<sup>14</sup> Tem-se observado que, quando o grupo doméstico começa a acumular, tende a retirar-se daquelas redes de reciprocidade que não lhe prejudiquem este processo de acumulação. A separação não é somente causada por mo-

---

(14) Ver Lomnitz (1974); Roberts (1973) e Whiteford (1974).

tivos psicológicos ou de status, mas também pela necessidade de o acumulador concentrar recursos. Assim se espera alcançar melhor nível de segurança. Como já foi observado por outros, nas comunidades pobres urbanas quanto mais ricos são os grupos domésticos, mais isolados se encontram nas redes de reciprocidade vicinais (Lomnitz, 1974 e Roberts, 1973).

## CONCLUSÕES

É possível observar aqui que o recente interesse nas redes de reciprocidade deve ser avaliado com estudos que enfoquem esforços, tanto do indivíduo como do grupo doméstico, para acumular capital. Isto vale tanto para os estudos das elites e das classes médias, como para a dos pobres. Sendo que a acumulação pode ser uma estratégia competitiva que tem que ser avaliada entre as demandas a curto prazo e as vantagens de participação nas redes, tornando-se necessário investigar como é que se consegue esse equilíbrio. Para as populações pobres urbanas da América Latina, tentei ilustrar alguns de seus esforços por acumular propriedade privada que não podem ser facilmente consumidos pelas redes de reciprocidade. A moradia, nas ocupações espontâneas, enquadra-se nessa categoria.

O grupo doméstico passa a ser uma unidade que adquire e guarda a riqueza familiar, servindo como núcleo para decisões financeiras e acumulativas do grupo. Considerar o grupo doméstico como unidade que possui ou procura acumular capital, não significa *ipso facto* que o grupo doméstico se converta numa instituição capitalista. A menos que controle mais meios de produção e empregue trabalho assalariado, seria difícil chamá-lo de capitalista. Mas, tomando a palavra "capital" em seu sentido mais amplo, como acumulação de riqueza ou de bens produtivos que no futuro renderão lucros, é possível ver então a acumulação de capital como preocupação do grupo doméstico. Porque, ainda assim, estas estruturas não podem ser tratadas como instituições capitalistas por excelência: sua adaptação às condições de existência capitalista faz com que o comportamento reflita essas condições. Especialmente nas sociedades urbanas, o núcleo da economia do grupo doméstico consistirá na sua habilidade para estabelecer e acumular bens e capital.

Esta fase da economia do grupo doméstico, a qual é crucial para sua sobrevivência, não tem sido enfatizada na investigação. Enquanto que — sem dúvida alguma — as redes de reciprocidade são importantes para a adaptação e sobrevivência, os investimentos e poupanças do grupo doméstico representam outra importante alternativa frente à total dependência do indivíduo no instável mercado de trabalho. O grupo doméstico é um meio pelo qual grupos de pessoas criam defesas contra as dificuldades e a total proletarização resultantes de situações onde indivíduos têm de sobreviver em condições adversas.

Minha intenção tem sido mudar o foco de debate sobre a natureza e as funções do consumo e a distribuição dentro do grupo doméstico, nas cidades

latinoamericanas, para o estudo do comportamento dos grupos domésticos como pequenas unidades capitalistas que mediam entre o engrandecimento do setor capitalista e o empobrecimento do setor proletário. Para esta pequena unidade doméstica é impossível alcançar algo mais que o capital suficiente para sua reprodução, consumo e pequena produção. Apesar de sua evidente fragmentação frente às grandes corporações industriais e à burocracia governamental, o grupo doméstico pode ser um importante e criativo agente, protegendo o indivíduo da insegurança proletária e provendo meios para sua reprodução.

## BIBLIOGRAFIA

- BENDER, D.: "A Refinement of the Concept of Household: Family Coresidence and Domestic Functions." *American Anthropologist* 69: 293-304, 1967.
- BOSEN, L.: "Household Work Patterns in an Urban Shantytown in Guatemala City." *Western Canadian Journal of Anthropology* 6(3): 270-76, 1976.
- CORNELIUS, W.: "The Impact of Governmental Performance on Political Attitudes and Behavior: The Case of the Urban Poor in Mexico City." *Latin American Urban Research* 3: 207-58, 1975.
- ECKSTEIN, S.: *The Poverty of Revolution: The State and the Urban Poor in Mexico*. Princeton, Princeton University Press, 1977.
- FLINN, W.: "Rural and Intra-Urban Migration in Colombia: Two Case Studies in Bogotá." *Latin American Urban Research* 1: 83-95, 1971.
- HOPGOOD, J.: "Settlers of Bajavista: Social and Economic Adaptation in a Mexican Squatter Settlement." *Papers in Interamerican Studies* N.º 7, 1979.
- KEMPER, R.: "Family and Household Organization Among Tzintzuntzan Migrants in Mexico City." *Latin American Urban Research* 4: 23-45, 1974.
- LEEDS, A.: "Political, Economic and Social Effects of Producer and Consumer Orientation Toward Housing in Brazil and Peru." *Latin American Urban Research* 3: 181-216, 1973.
- : "Housing-Settlement Types, Arrangements for Living Proletarianization and the Social Structure of the City." *Latin American Urban Research* 4: 67-100, 1974.
- LEWIS, O.: *Five Families: Mexican Case Studies in the Culture of Poverty*. New York, Mentor Books, 1959.

- LOMNITZ, L.: *Como Sobreviven los Marginados*. México D. F., Siglo XXI, 1974.
- LORENTE, R.: *América Latina: Urbanización y Vivienda*. Montevideo, Biblioteca Científica, 1970.
- MANGIN, W.: "Urbanization: A Case History in Peru." In: *Peasants in Cities: Readings in the Anthropology of Urbanization*, W. Mangin, editor, Boston, Little Brown, 1970.
- MONTAÑO, J.: *Los Pobres de la Ciudad y los Asentamientos Espontáneos*. México D. F., Siglo XXI, 1976.
- ROBERTS, B.: *Organizing Strangers: Poor Families in Guatemala City*. Austin, University of Texas Press, 1973.
- *Cities of Peasants: The Political Economy of Urbanization in the Third World*. Beverly Hills, Sage Publications, 1978.
- SAFA, H.: *The Urban Poor of Puerto Rico: A Study in Development and Inequality*. New York, Holt, Rinehart & Winston, 1973.
- STACK, C.: *All Our Kin: Strategies for Survival in a Black Community*. New York, Harper Row, 1974.
- WHITEFORD, M.: "Neighbors at a Distance: Life in a Low-Income Colombian Barrio." *Latin American Urban Research*, 4: 157-82, 1974.
- YANAGISAKO, S.: "Family and Household: The Analysis of Domestic Groups." *Annual Review of Anthropology*, 8: 161-207, 1979.